

Bons tempos, aqueles!

Aquela velhinha de oitenta anos andava pelas ruas da cidade. Com o calor que fazia, resolveu parar e descansar um pouco. Em frente ao "Fliperama do Osmar", ajeitou os óculos e leu: "Panorama Bar".

Entrou. Olhou a sua volta, lembrando-se dos seus tempos de mocinha, quando costumava freqüentar lanchonetes, com as amigas para ouvir músicas naquelas máquinas acionadas a fichas – aquelas do tempo do Cafunga!

Dirigiu-se ao rapaz do caixa e, com um rosto nostálgico, falou:

- Por favor, mocinho, uma ficha!

O rapaz, maquinalmente, entregou-a sem perceber que se tratava de uma simpática velhinha.

- Obrigada! – agradeceu ela.

Ao dar conta de si, o rapaz estranhou:

- Ei, vovó, a senhora sabe jogar?!

Ela virou-se para o rapaz e confirmou:

- Sim, um guaraná! Um guaraná!

Na máquina, ela depositou a ficha e esperou ouvir a música. Mas nada de ela tocar.

- Será que está com defeito? Já não se fazem mais vitrolas como antigamente! – falou relembando o passado.

Resolveu, então, discretamente, dar alguns cutucões para ver se funcionava. E nada de funcionar.

Reparou, porém, que algo de esquisito acontecia dentro da máquina e, curiosa, perguntou ao rapaz do caixa:

- Mocinho, que é que essa bolinha está fazendo aqui dentro?

- Ora, é assim mesmo – respondeu ele. – Aperte o botão, que funciona!

Ela apertou. Gastou todas as bolinhas e não quis repetir a dose.

- Essa juventude! – falou ao rapaz do caixa. – Antigamente não era assim!

- Como era, então? – indagou, interessado, o rapaz.

- Ah! Bons tempos, aqueles, que a gente colocava a ficha na vitrola e ela tocava sozinha, sem ficar apertando aquele botãozinho.

Parou um instante de falar e ficou com os olhos perdidos no tempo. Começou a cantarolar uma música de sua época, que fez seus olhos se encherem d'água. O rapaz não entendeu nada:

- Mas vovó...

Antes de ele completar, ela falou:

- Está tudo mudado, meu filho! Hoje, além de ficar apertando aquele botãozinho, as músicas não são as mesmas. Hoje é só blim!blom!blim!blom! Isso que é o tal do *rock*, não é?

O rapaz tentou explicar:

- Não, vovó! Aqui é uma casa para se jogar!

Ela pegou a ficha e falou:

- Não, não. Não quero mais o guaraná!

E saiu cantarolando a música que costumava ouvir nos seus tempos de mocinha.

Alexandre Azevedo. *O vendedor de queijo e outras crônicas*. São Paulo, 1991.

INTERPRETAÇÃO

1. O narrador é uma das personagens da história? Como você chegou à conclusão?

2. Qual o fato desencadeador desta história?

3. No segundo parágrafo aparece a expressão **tempo do Cafunga**. O que ela significa?

4. Por que a presença da velhinha naquele estabelecimento causou surpresa no rapaz do caixa?

5. Durante a leitura, percebemos que a velhinha cometeu diversos equívocos (enganos). Quais foram eles? Por que ela os cometeu?

VERBOS

1. No primeiro parágrafo do texto aparecem os seguintes verbos: **andava**, **resolveu** e **ajeitou**. Informe o tempo do modo indicativo em que se encontram esses verbos.

2. Em “Aperte o botão, que funciona!” aparecem dois verbos: **aperte** e **funciona**. Informe o modo em que eles estão empregados nesta frase.

3. Qual a conjugação a que pertencem os seguintes verbos:

encherem - _____

sabe - _____

dirigiu-se - _____

virou-se - _____

ajeitou - _____

4. Complete a tabela com os verbos nos tempos indicados:

	Pretérito mais-que-Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
costumar			
acontecer			
encher			
pegar			
ouvir			
cantarolar			

5. Complete as frases com os verbos nos tempos indicados entre parênteses:

a) _____ chegar lá! (conseguir, futuro do presente do indicativo)

b) Quando tu e teu irmão _____ para cá? (mudar, futuro de presente do indicativo)

c) O barulho do combate _____ com rapidez. (chegar – pretérito imperfeito do indicativo)

d) Tu já _____ a passagem, quando eu desisti da viagem. (reservar – pretérito-mais-que-perfeito do indicativo)

e) Será que a gente _____ pular até lá? (conseguir – futuro do pretérito do indicativo)

f) Nós nos _____ num beco sem saída. (reunir – pretérito imperfeito do indicativo)